



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH – CAMPUS IV
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS, LÍNGUA
PORTUGUESA E LITERATURAS**

**O DISCURSO POLÍTICO NAS CHARGES PRODUZIDAS PELO
BLOG CORINO URGENTE EM JACOBINA-BAHIA**

HIASMIN RODRIGUES DOS SANTOS

Jacobina - Bahia
2014

HIASMIN RODRIGUES DOS SANTOS

**O DISCURSO POLÍTICO NAS CHARGES PRODUZIDAS PELO
BLOG CORINO URGENTE EM JACOBINA-BAHIA**

Monografia apresentada para Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras Vernáculas, Departamento de Ciências Humanas – Campus IV, Universidade do Estado da Bahia –como requisito obrigatório para obtenção do grau de licenciada em Letras Vernáculas.

Orientadora: Prof^ª. Msc. Maria Iraídes da S. Barreto.

Jacobina-Bahia
2014

HIASMIN RODRIGUES DOS SANTOS

**O DISCURSO POLÍTICO NAS CHARGES PRODUZIDAS PELO
BLOG CORINO URGENTE EM JACOBINA-BAHIA**

Monografia apresentada para Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras Vernáculas, Departamento de Ciências Humanas – Campus IV, Universidade do Estado da Bahia – como requisito obrigatório para obtenção do grau de licenciada em Letras Vernáculas.

Data: 06/01/2014

Resultado: _____

Professora Msc. Maria Iraídes da Silva Barreto
Orientadora

Professora Msc. Rubia Mara Lapa Cunha
Banca Examinadora

Professora Msc. Thais Nascimento Santana Santos
Banca Examinadora

Dedico esse trabalho monográfico aos meus pais e ao meu saudoso avô Amado Rodrigues dos Santos (*in memorium*).

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro plano, pelas providências que garantiram a concretização deste trabalho.

Ao meu avô Amado Rodrigues dos Santos (*in memorium*), aquele que sempre me aconselhou, incentivou e acreditou em mim, estando presente em minha vida, nos meus discursos e em meu coração.

Aos meus pais, Normacy Rodrigues dos Santos e Marco Antonio dos Santos, grandes inspiradores e incentivadores das minhas conquistas, por terem me dado à vida, por não terem desistido de mim, pelo estímulo, palavras de incentivo, conselhos e até mesmo sugestões em meu trabalho.

À minha irmã Bárbara Victória Rodrigues dos Santos, pelo estímulo e carinho durante as madrugadas em que ficávamos acordadas.

Aos meus familiares pela confiança em mim depositada, em especial a minha avó Isaura Matos dos Santos por saber me acolher em seu colo, em meus momentos de angústias e cansaço.

À Professora Ms. Maria Iraídes da Silva Barreto, minha querida orientadora e amiga, por toda sensibilidade, sabedoria, compreensão, competência durante todo o processo de orientação, pela participação na construção das ideias, pelas correções, revisões detalhadas e sugestões que fizeram com que concluíssemos juntas esse trabalho e, acima de tudo, pela persistência e confiança em minha pessoa.

A todos os meus amigos e amigas em especial, meus primos e minha madrinha Irene Martins, que sempre estiveram presentes me aconselhando e incentivando com carinho e dedicação, pela compreensão de minhas ausências em favor à conclusão deste trabalho.

A todos os colegas da Turma de Letras 2011, em especial Rita França, Priscila Cerqueira e Viviane Alves (meu quarteto) pelas prazerosas noites de interações e carinho.

Aos meus estimados professores do Curso de Letras Vernáculas do Campus IV da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, pela dedicação e profissionalismo, que muito contribuíram para a minha formação acadêmica e profissional.

A todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a execução e conclusão desse trabalho monográfico.

Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir.
(FOUCAULT, 1988).

RESUMO

Uma gama de discursos, entre eles, o discurso político, vem sendo veiculados pelos mais variados suportes midiáticos, tecidos por múltiplas formulações verbais e imagético-verbais que produzem diferentes efeitos de sentidos nos sujeitos leitores, exercendo seu poder de persuasão sobre esses. Para Foucault (1998), o poder configura-se com uma rede de relações manifestadas nas interações sociais e presentifica-se por meio da materialização dos diferentes discursos, desconstruindo e produzindo efeitos de verdades e saber em épocas diferentes, inaugurando novas práticas que incidem diretamente na identidade do sujeito. Analisando os vários discursos produzidos e disponibilizados na mídia durante o período eleitoral correspondente ao ano 2012, podemos perceber como a construção discursiva da imagem tem manifestado perante o público leitor e eleitor, um posicionamento associado a suas crenças e à opção política. Nesse sentido, entre outros gêneros e suportes que publicizam discursos, consideramos o *blog* como um espaço de interação que tanto veicula informação, quanto contribui para a formação de opiniões diversas. Portanto, esta investigação trata-se da leitura e análise de charges veiculadas pelo *blog* Corino Urgente no período eleitoral de 2012 sobre a campanha política no município de Jacobina-Bahia e tem como objetivo compreender a partir da materialidade linguístico discursiva e imagética de que maneira o discurso humorístico é constituído nessas charges. Assim, foi organizada uma série enunciativa com oito charges para análises, realizadas com base nos princípios da obra *A Arqueologia do Saber* (FOUCAULT, 1972) pelo método de descrição-interpretação. Esta investigação comprovou que a charge além de provocar humor e satirizar acontecimentos políticos, reafirma através dos enunciadostomados enquanto discurso humorístico, como o chargista revela o *ethos* discursivo, sinalizando para os leitores seu discurso persuasivo, unilateral e a sua vontade de verdade. Isso nos leva a crer que o chargista assume sua opção política, não sendo imparcial em suas postagens. Disso decorre a necessidade da escola contribuir com a formação de leitores críticos e proficientes, capazes de exercer responsabilidades diante dos discursos multimodais que os interpelam no cotidiano, especificamente, no período eleitoral.

PALAVRAS CHAVE: Análise do Discurso; Interdiscurso; Multimodalidade; Charge.

ABSTRACT

A range of speeches, among them, the political discourse has been broadcast by various media supports, tissues by multiple verbal and imagery-verbal formulations that produce different effects of meanings in subject readers exercising their powers of persuasion on those. For Foucault (1998), the power set up a network of relationships expressed in social interactions and made present by means of the materialization of different discourses, deconstructing and producing effects of truths and learn at different times, opening new practices that focus directly the identity of the subject. Analyzing the various discourses produced and made available in the media during the election period corresponding to the year 2012, we can see how the discursive construction of the image has expressed before the reading public and voter, a placement associated with their beliefs and political choice. In this sense, among other genres and media that publicize speeches, consider the blog as a space for interaction that both relays information, as contributes to the formation of diverse opinions. Therefore, this research comes from the reading and analysis cartoons aired by Corino Urgent blog in the electoral period 2012 on the political campaign in the city of Jacobina, Bahia and aims to understand from the discursive linguistic materiality and imagery how the humorous speech consists in these cartoons. Thus, a stated range with eight cartoons for analysis was organized, carried out based on the principles of work *The Archaeology of Knowledge* (Foucault, 1972) by the description-interpretation method. This research proved that the charge in addition to causing mood and satirize political, reaffirms through statements taken as humorous speech as the cartoonist reveals the discursive ethos, signaling to readers his speech persuasive, unilateral and your will to truth. This leads us to believe that the cartoonist takes your political preference, not being impartial in your posts. It follows the need of the school contribute to the formation of critical and proficient readers, able to exercise responsiveness on multimodal discourses that interpellate in daily life, specifically in the election period.

KEY WORDS: Discourse Analysis; interdiscourse; multimodality; Charge.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	10
2 CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA PARA ESTUDO DO DISCURSO POLÍTICO.....	15
2.1 Charge: um gênero sofisticado, sutil e inteligente	23
2.2 Discurso, Interdiscurso e Multimodalidade	28
2.3. A constituição do <i>ethos</i> discursivo	33
3 DO INTERDISCURSO À VONTADE DE VERDADE NAS CHARGES DA CAMPANHA ELEITORAL EM JACOBINA - BAHIA.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	57

1 INTRODUÇÃO

Ao analisarmos os avanços constantes das tecnologias de comunicação e informação, podemos dizer que a sociedade atual tem boa parte de seus processos interlocutivos constituídos por ambientes multimodais (KRESS & VAN LEEUWEN, 2006) nos quais, palavras, músicas, imagens, sons, entre outros textos orais escritos e imagéticos, se manifestam em um grande mosaico e dentro dele produzimos textos “para serem lidos pelos sentidos” (BUNZEN E MENDONÇA 2013).

É inegável a contribuição que os textos multimodais dão para as interações humanas e para o processo de formação de leitores. A mídia tem percebido isso, logo tem se servido desse discurso midiático multimodal para produzir suas verdades nas diferentes instâncias, isto é, utiliza-se desde os suportes impressos aos virtuais para interpelar e seduzir os leitores.

Sendo assim, se fizermos uma análise sobre os vários discursos produzidos e veiculados pela mídia, podemos perceber como a construção discursiva da imagem aliada a outras linguagens tem despertado no público leitor um posicionamento responsivo ora ativo, ora silencioso ou mesmo de efeito retardado diante desses discursos que os interpelam.

Segundo Bakhtin (1986), tais discursos revelam-se nos textos e, muitas vezes, eles advêm de tempos anteriores, mas se incorporam e interagem na obra presente. Essa manifestação discursiva, não é uma réplica fiel do que ocorreu na vida, pois dentro dele o autor, associa a partir de suas crenças a sua posição discursiva e com isso constrói seus discursos.

Neste caso, a internet, palco de exibição de diferentes gêneros, inclusive multimodais, é considerada por muitos como instrumento fundamental no processo de formação cultural dos indivíduos por possibilitar o acesso aos diferentes saberes. Dentro dela circulam diversos discursos tecidos por variadas constituições e formulações verbais, imagético-verbais ou apenas imagéticas que produzem efeitos de sentidos diferenciados em cada leitor.

Foucault (2004, p. 8-9) considera que os discursos veiculados dentro da sociedade “é ao mesmo tempo controlado, selecionado, organizado e redistribuído por certo número de procedimentos” e para este estudioso tais discursos têm como “função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”.

Dessa forma, dentro deste ambiente virtual, chamado internet, por intermédio de suas páginas (*fotologs, chats, menssager e blogs*) materializam-se os discursos, que apresentam formas curtas, fluidas, momentâneas, que despertam nos sujeitos práticas identitárias que se dão a partir de enunciados ali presentificados.

Entrando nessa ordem do discurso, surgiu esse trabalho monográfico intitulado: “O discurso político nas charges produzidas pelo *blog* Corino Urgente em Jacobina-Ba no ano de 2012”. Esse *blog* denominado de Corino Urgente, *locus* dessa pesquisa, foi fundado no dia 11 de maio de 2009 pelo senhor Corino Rodrigues de Alvarenga, diretor-presidente e administrador do *blog*, no intuito de ser um veículo de comunicação com a finalidade de socializar informações, promover discussões, emitir opiniões, divulgar eventos e acontecimentos da cidade de Jacobina-Bahia, região e fatos cotidianos do mundo.

O *blog* é composto por textos (matérias jornalísticas), entretenimento, vídeos, fotos, crônicas e aquelas que serão objetos de nossas pesquisas, as charges. Atualmente o *blog*, passou por modificações no design, na estrutura, no link de acesso e no slogan que deixou de ser “Corino Urgente: De rabo preso com o leitor” passando a “Corino Urgente: o blog que vicia”.

Este trabalho tem como objetivo compreender como os discursos humorísticos têm se constituído dentro dessas charges (nosso objeto de estudo), sendo relevante pensar o papel desempenhado pelos vários discursos midiáticos dentro das dinâmicas sociais contemporâneas, observando dentro das materialidades imagético-verbais, verbal ou apenas imagética como tem se constituído essa “vontade de verdade” assumida pelo chargista ao apresentar *ethos* discursivo dentro das charges.

Temos como objetivo específico analisar o interdiscurso como elemento constitutivo da produção de sentidos desses discursos humorísticos, visando à materialidade constitutiva das imagens, modalidades enunciativas e estratégias discursivas manifestadas nas charges que estão disponibilizadas nesse *blog*. Para alcançarmos nossos objetivos, foi organizada uma série enunciativa com oito charges políticas, levando em consideração o período correspondente à campanha política municipais nas eleições de 2012 na cidade de Jacobina-Bahia.

Em virtude do papel fundamental das mídias no processo de informação a cerca da política brasileira nacional e local, é perceptível para a maioria dos leitores e eleitores jacobinenses, a forma crítica pela qual os candidatos são apresentados por esse *blog* que vem dando ênfase ao diálogo estabelecido entre a imagem e o enunciado, “uma vez que o discurso organizado pela mídia produz modos de subjetivação...” (TASSO, 2008).

Dentro deste universo multimodal o *blog*, as charges selecionadas trazem em seu conteúdo uma prática discursiva na qual se manifestam interdiscursos (FOUCAULT, 1972) por meio de enunciados linguísticos e imagéticos que possibilitaram um diálogo para a constituição do discurso humorístico e tecem um pouco da história da campanha política de Jacobina em 2012 a partir da visão desse chargista nesse *blog*.

Foram selecionadas oito charges que constituíram o *corpus* para esse estudo. Para realização das nossas análises, tomamos como âncora os princípios contidos na obra *A Arqueologia do Saber* (FOUCAULT, 1972) a partir do método da descrição- interpretação, metodologia pertinente aos estudos do discurso na perspectiva da Análise do Discurso de Linha Francesa com foco nos estudos de Michael Foucault (*op.cit.*), recorrendo às seguintes categorias de análise de base foucaultiana: enunciado, interdiscurso, formação discursiva e arquivo, estabelecendo uma relação entre saber e poder.

Para Foucault (1998) “o poder configura-se como uma rede de relações manifestadas nas interações sociais” e ainda para esse estudioso, tal poder “presentifica-se por meio da materialização dos diferentes discursos, desconstruindo e produzindo efeitos de verdade e saber em distintas épocas, constituindo, assim, novas práticas e subjetividades”.

Assim, este Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas justifica-se não somente por ampliar as pesquisas acadêmicas que estão escopo dos gêneros discursivos midiáticos e sua inter-relação com a formação cidadã dos sujeitos leitores e eleitores, mas por contribuir com a inserção sistematizada dos gêneros dos discursos, inclusive multimodais, na esfera escolar com vistas à formação de leitores proficientes.

Isso se faz necessário para atender aos anseios dos estudantes do Ensino Médio e Ensino Fundamental que nasceram sob o estigma da cultura visual e multimodal tão presente em suas vidas, devido aos avanços tecnológicos e aos equipamentos que lhes garantem o acesso a esses discursos a exemplo do *blog* que, mesmo esse cedendo lugar para o Whatsapp, ainda se constitui como fonte de referência para comunicação e socialização de saberes de diferentes ordens.

Para assegurar a fruição desse texto, a redação está organizada em breves capítulos que desvelam ao leitor os ensejos que motivaram esse estudo e o marco teórico que possibilitou a análise das charges que materializaram as reflexões aqui apresentadas. Dessa forma, após essa Introdução, organizamos esta pesquisa em mais dois capítulos.

O segundo, *Contribuições da Análise do Discurso Linha Francesa para estudo do discurso político*, reservado à explanação de implicações teóricas sobre as contribuições da Análise do Discurso de Linha Francesa à luz dos estudos de Michel Foucault (2009). Traz ainda as concepções de enunciado, discurso, formação discursiva e arquivo, que são categorias de análise a partir de um recorte feito da obra *A Arqueologia do Saber*, (FOUCAULT, 1972). Articulamos esses saberes com o discurso políticos, relacionando-os com as charges, organizadas em uma série enunciativa.

O terceiro, *Do Interdiscurso à vontade de verdade nas charges da campanha eleitoral em Jacobina – Bahia* é dedicado à análise dos dados, o qual permite observar nas charges como a imagem dos candidatos é constituída sob o estigma do olhar do chargista e da sua visão e opção política e, esse, por meio do seu *blog*, vai publicizando suas verdades, com sutileza e humor, interpelando seus leitores.

Por fim, trazemos as Considerações Finais que reafirmam, através dos enunciados tomados enquanto discurso humorístico, como o chargista revela o *ethos* discursivo, sinalizando para leitores seu discurso persuasivo, formador de opiniões e sua vontade de verdade, levando-nos a crer que o chargista assume sua opção política, não sendo imparcial em suas postagens.

2 CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA PARA ESTUDO DO DISCURSO POLÍTICO

A Análise do Discurso de Linha Francesa (ADLF) tem o texto como uma das principais fontes de pesquisa dentro da atualidade, pois é dentro dele que encontram sua materialidade para estudo: o discurso. Se levarmos em consideração que a Análise do Discurso constitui-se como uma prática de estudo das linguagens, podemos dizer que sua especialidade consiste em analisar as diversas formulações presentificadas na constituição dos discursos e na produção de sentidos, mas para isso faz-se necessário ter leitores que comecem a perceber os diversos discursos presentes numa determinada formação discursiva, lugar de onde vêm os textos.

A Análise do Discurso de Linha Francesa surgiu na França na década de 60, com os estudos de Michel Pêcheux (2009), ancorada sobre o tripé da Linguística, do Marxismo e da Psicanálise. Essa corrente teórica trabalha com a articulação entre sujeito, história, língua e linguagem, assim “... o objeto discurso se constitui em seu sentido próprio, pensando a materialidade discursiva que não é apenas um “reflexo” da mistura dos três campos acima referidos” (ORLANDI, 1999, p. 13).

No transcorrer do desenvolvimento histórico da Análise do Discurso de Linha Francesa, ocorreram mudanças, releituras e reconstruções, alterando os procedimentos de análise, gerando deslocamentos em relação ao objeto de investigação iniciados de Pêcheux (2009). É mais ou menos, na metade do século XX que o filósofo Michel Foucault que se destaca por considerar as análises surgidas anteriormente (língua e texto) como modelos tradicionais e por adotar outro posicionamento frente a esses discursos materializados nos textos.

Disso decorre a nossa opção teórica neste estudo, porque fundamentamos nossa investigação na teoria desenvolvida pela Análise do Discurso de Linha Francesa, seguindo uma linha de observação em que o analista se preocupa em entender como os discursos se constroem na sociedade, porém sem a pretensão de mudar o discurso analisado.

Assim, voltadas para a materialidade linguístico-discursiva, nossas análises estão ancoradas nas contribuições trazidas pelo filósofo francês Michel Foucault em sua obra, *A Arqueologia do Saber* (FOUCAULT, 1972). Como procedimentos metodológicos

para realização das nossas análises utilizaremos o método da Descrição-Interpretação, que traz em seu bojo as seguintes categorias para análise: *discurso, enunciado, arquivo formação discursiva e Interdiscurso*.

Para Foucault (1972), a Análise do Discurso de Linha Francesa tem por objetivo romper com duas posturas. A primeira afirma que não é possível recuperar o início de um acontecimento verdadeiro, pois toda a reprodução de uma origem foge a determinação histórica, “(...) que além de qualquer começo aparente há sempre uma origem secreta – tão secreta e tão originária que dela jamais poderemos nos reapoderar inteiramente” (FOUCAULT, 2004, p. 27); e a segunda em desfazer a ideia de que: (...) todo discurso manifesto se basearia sobre um já dito; e que este não seria simplesmente um enunciado já proferido, um texto já escrito, mas algo ainda da ordem do não dito (*op. cit.*).

Partindo do ponto que o termo discurso possui diversos significados, tomaremos como base o discurso segundo Foucault, que em sua obra *A Arqueologia do Saber*, apresenta a partir de formulações e conceitos metodológicos o que se concebe por discurso, arquivo, enunciado, formação discursiva. Ressaltando que cabe ao leitor observar que o enunciado tem a função de:

[...] mostrar as relações que o discurso estabelece com os sujeitos, com a História, com as práticas discursivas. Por serem produtos dessas práticas, as maneiras de se utilizarem as possibilidades do discurso são reguladas, regulamentadas: não se pode, absolutamente, falar de uma coisa qualquer num lugar e tempo qualquer. Há, sempre, que se submeter à ordem do discurso.(FOUCAULT, 1972, p. 120)

É no decorrer desta obra que o autor traz uma análise arqueológica considerando a historicidade que atravessa os saberes sobre o homem. Para esse autor, o método arqueológico tem grande valia para estudar as ciências humanas, cujos os fatos que permeiam a existência humana constituem-se como acontecimentos, logo, discurso. Esses vêm de diferentes ordens: política, religiosa, social, midiática, entre outras.

Para Foucault (1972), o discurso é um conjunto de acontecimentos que estão ancorados no domínio da materialidade, mantendo uma relação de coexistência com outros acontecimentos dispersos, que vão se acumulando, dividindo-se e sofrendo modificação no decorrer do tempo.

É nesse sentido que os fatos para esse autor devem ser vistos a partir da Nova História, que ele enxerga de forma interrompida e descontínua, levando-nos a perceber que as pessoas não são sempre afetadas pela mesma temporalidade. Isto significa dizer que para Foucault, a História não é o que comumente estudamos enquanto disciplina escolar, ou seja, fatos e personalidades com seus feitos heroicos e situados temporalmente em uma linha do tempo, sendo esse o mesmo para todos.

Foucault (1972) fala-nos de uma história geral que marca diferentes acontecimentos que não atingem a todas as pessoas ao mesmo tempo, acontecimentos que geram discursos que se encontram, se rompem e se atravessam. Disso decorrem as diferentes temporalidades para diferentes pessoas.

Logo, é válido dizer que uma pessoa pode pertencer ao mesmo grupo social, econômico, político e geográfico, mas pode viver temporalidades diferentes por uma série de razões de ordem afetiva e cultural, por exemplo. Vivemos a era das redes sociais, mas nem todas as pessoas têm smartphone ou acesso à internet por uma série de razões. O mesmo pode ocorrer com o acesso ao blog, nosso objeto de estudo. É um recurso disponibilizado aos usuários da internet, mas nem todas as pessoas acessam, ou quando o fazem, os discursos ali presentificados produzem efeito de sentidos, geralmente, diferenciados por causa das temporalidades que são singulares em cada sujeito.

Dessa forma, quando o sujeito profere o seu discurso, ele retoma outros que se encontram presentes dentro de uma rede de memória discursiva e de sistema de controles que podem ter temporalidades diferenciadas. Sistemas esses que se dão pelos diversos espaços contidos na sociedade, tais como, a ciência, a religião, a mídia, entre outros. Assim, alegamos que o sujeito não é o dono do discurso, mas ele é constituído por uma heterogeneidade de discursos, pois como afirma Bakhtin (2003), quando pronunciamos um enunciado, agimos sobre o sujeito ocupando um posicionamento ao mesmo tempo de responsividade no processo de comunicação e interação.

Sendo assim, ao analisarmos os escritos de Foucault (1972), tomamos como base a sua classificação em três dimensões: ser-saber, no qual o autor ateu-se a explicar o saber a partir da teoria arqueológica, ser-poder, que se deteve a compreender apenas as relações

de poder na sociedade e por último o ser-si relacionando com a ética, os cuidados de si, voltados para a subjetivação humana.

Nessa perspectiva o autor considera que o discurso envolve todos os dados da experiência humana, pois ele está ligado ao conjunto de formas, ou seja, a unidade do discurso é o enunciado e o que ele faz é aparecer com conteúdos concretos, no tempo e no espaço. Assim, o enunciado é:

(...) uma função de existência que pertence em particular, aos signos, e a partir dos quais pode-se decidir em seguida, pela análise ou pela intuição, se fazem sentido ou não, segundo que regras se sucedem ou se justapõem, de que são signo, e que espécie de ato se encontra efetivado por sua formulação (oral ou escrita). (FOUCAULT 1972, p.98).

O discurso remete-nos a pensar no sujeito e sua articulação com a sociedade, logo com outras pessoas e com os acontecimentos que permeiam essas relações interpessoais e intrapessoais, o que nos leva a considerar, segundo a abordagem foucaultiana, que somos sujeitos históricos, que produzimos discursos e somos também interpelados pelos discursos do outro.

Essas considerações são importantes, porque muitas vezes, a história tomada aqui na concepção de Foucault, transforma os documentos (cartas, charges, fotografias, poemas, editais, filmes, entre outros gêneros do discurso) em monumentos e restitui, então, seu caráter de acontecimento, o que leva o pesquisador e o analista do discurso a reorganizá-lo e interpretá-lo novamente. Dessa forma, o enunciado também estabelece um apoio material, ou seja, o mecanismo que lhe atribui à condição de existência e aceita que seja retomado, reproduzido e difundido socialmente, mantendo os mesmos efeitos de sentidos ou rompendo-os.

Logo, discurso, enunciado, formação discursiva e arquivo (FOUCAULT, 1972) são categorias de análise fundamentais para quem se propõe a fazer análise do discurso na perspectiva da Análise do Discurso de Linha Francesa. É a partir dessas que se constitui o método arqueológico traduzido no movimento da Descrição-Interpretação. Ou seja, o analista decide qual acontecimento impulsiona seu interesse; seleciona e

organiza sua série enunciativa e sobre ela lança sua escuta sensível. É o texto quem fala ao analista, ele apenas interpreta esses ditos e não-ditos nele presentificados.

Nesse sentido, o movimento de descrição-interpretação que gera essa escuta pode ser sintetizado por um esquema que contempla o enunciado que remete ao discurso, materializado pelas séries enunciativas que revelam os modos de subjetivação, posto que vêm de formações discursivas que constituem o arquivo, isto é, tudo o que a sociedade produziu sobre um dado acontecimento.

São nesses modos de falar dos objetos que se buscam as regularidades e a dispersão que organizam os arquivos (memória discursiva). Desta forma, afirma-se que para a “função enunciativa” se manifestar, o enunciado necessita de um referencial, um sujeito, uma materialidade e um campo associado. Elas formam o feixe de sentidos que constituem o arquivo de uma sociedade e que conduz a manifestação dos enunciados. Este arquivo está dentro do nível da linguagem em que fica o conjunto de todos os discursos pronunciados.

Quando o analista identifica o enunciado, depara-se com o segundo movimento de análise, pois é necessário ajustar a descrição dos enunciados à análise das formações discursivas que o instauram. Na teoria foucaultiana, o autor formulou regras e princípios para se analisar os enunciados. Além disso, também estabeleceu princípios e regras para observar as formações discursivas, que são: a formação dos objetos, formação das modalidades enunciativas, formação dos conceitos e formação das estratégias (teóricas e temáticas) como afirma a seguir que:

A formação discursiva é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço e que definem em cada época dada e para cada área social e econômica, geográfica ou linguística dada às condições do exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 1997, p. 35).

Foucault (2004) chama de formação discursiva as diferentes práticas de diversos enunciados que se formam e se entrecruzam, estabelecendo entre eles uma regularidade e ou dispersão nos discursos que falam de um mesmo objeto. O autor salienta que uma formação discursiva é um conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação, como o discurso religioso, científico, o político, o midiático, assim:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e, no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (FOUCAULT, 1997, p. 43).

A esse respeito, dizemos que todos os conjuntos de regras são apostos na operação de análise dos discursos, que são descritos em um processo de articulações e relações. É importante lembrar também que no momento da análise é difícil observar todas as regularidades ao mesmo tempo, por isso é necessário fazer voltas. Essas significam uma necessidade própria da observação e da escuta atenta do analista.

Os enunciados de uma formação discursiva sempre se avizinham a outros, pois as formações discursivas se cruzam, havendo uma heterogeneidade inerente a elas. Além disso, uma formação discursiva não está completa, ela deixa brechas e pode fazer aparecer novas possibilidades de discurso. Nessa mesma ordem, a imagem também está sujeita ao equívoco, possibilitando uma leitura polissêmica, sendo possível assegurar que a linguagem não está posta apenas ao aspecto verbal, mas também está dentro dos aspectos imagéticos, os sons, os gestos, as cores e outras materialidades que são consideradas pelos analistas como manifestações de discursos.

Por isso, cabe aos leitores recuperar os silenciamentos e apagamentos (aquilo que não se pretende mostrar ou dizer) contidos nos diferentes textos verbais, verbal-imagéticos ou imagéticos. Isso porque o que diferencia o enunciado da frase é o fato de ele ser produzido levando em consideração o momento e a forma como ele aparece. Desta forma, buscamos com a nossa pesquisa, compreender a partir da materialidade linguístico-discursiva e imagética de que maneira a imagem dos candidatos é constituída nas charges que são disponibilizadas pelo *blog* Corino Urgente no período eleitoral de 2012.

Mas, afinal, aonde entra a mídia nessa ordem de discursos? Em *A Ordem do Discurso* (2009), Foucault mostra como a produção do discurso é guiada, distribuída e organizada em todas as sociedades por procedimentos que têm por função tramar seus poderes e perigos, conter seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada temível materialidade,

(grifos do autor), assim, temos o intuito de analisar os diversos conceitos relacionados à prática dos discursos políticos e também os discursos veiculados na mídia.

É importante, pois, também levar em consideração que alguns elementos abordados pela ADLF trazem o texto como uma manifestação concreta do discurso, passando a ser um elemento marcado pela história e pela visão de mundo do sujeito dentro de um determinado grupo social.

Por conseguinte, não preocupa ao analista do discurso o estudo apenas da materialidade linguística, por mais temível e perigosa que seja sua formulação, mas interessa aos estudiosos deste discurso, saber o porquê de ter aparecido aquele e não outro enunciado. Michel Foucault (2004), ao falar sobre suas teorias, enfatiza que essas são como uma caixa de ferramentas, que o analista abre e utiliza o que lhe sirva em sua análise, posto que:

[...] a política e a sexualidade seriam os dois principais tabus presentes na sociedade e revela ainda, que os discursos são marcados pela busca de desejo e de poder, pela luta do controle daquilo que enunciam, e acrescenta que "por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder." (FOUCAULT 1972, p. 10).

Uma vez que a mídia se utiliza de suas estratégias para focar seus discursos na corporeidade, na política, na cultura, entre outros acontecimentos, os analistas têm como função desconstruir as evidências dos sentidos que os discursos midiáticos produzem, pois esses trazem consigo ‘verdades’ dos campos associados a que estão filiados e também os interesses desses campos.

Por isso nada é neutro quando se trata de constituição de enunciados. Todas as formulações são estrategicamente elaboradas para interpelar os leitores, e isso por vezes é feito via manipulação de dados e informações, que o leitor menos experiente vai acatar sem questionar. Nesse sentido, a ADLF contribui para a formação de leitores críticos e proficientes:

A Análise do Discurso oferece ferramentas conceituais para a análise de acontecimentos discursivos da mídia, isto é, a produção de efeitos de sentido, realizada por sujeitos sociais, que usam as materialidades da linguagem e estão inseridos na História. Por isso, os campos da Análise do Discurso e dos estudos de mídia podem estabelecer

diálogos extremamente ricos a fim de entender o papel dos discursos na produção das identidades sociais (GREGOLIN, 2000, p. 7).

A mídia tem se constituído como um poderoso veículo de interesses políticos, econômicos e sociais, assumindo o papel de informar, formar e interpelar os sujeitos. É nesse contexto de inserir nos sujeitos valores, crenças e comportamentos que a sociedade utiliza-se dos discursos midiáticos. O enunciador tem toda uma preocupação ao descrever, escolher a imagem e o discurso sempre carregados de conceitos e ideias para seduzir e interpelar aqueles que se deparam com essas produções que são publicizadas.

Considerando que o discurso midiático é sempre repleto de ideias e conceitos com vistas aos interesses políticos, econômicos e sociais, cabe ao analista do discurso fazer a escavação arqueológica para buscar, descobrir, relacionar e descrever discursos advindos de diferentes formações discursivas e nesse sentido Foucault (1972) afirma que:

[...] os territórios arqueológicos podem atravessar textos “literários” ou “filosóficos” bem como textos científicos. O saber não está contido somente em demonstrações; o saber pode estar contido em ficções, reflexões, narrativas, regulamentos institucionais, decisões políticas. (FOUCAULT, 1972,P.20. grifo nosso).

Dessa forma, evidencia-se que todo texto tem seu público e cada texto tem sua finalidade social e formatação. Portanto, os enunciados são materializados para provocar sensações diversas nos leitores por meio de sons, cores, imagens, movimentos, palavras. Todo esse jogo proporcionado pela língua e linguagem é um jogo que a mídia utiliza para influenciar os sujeitos a assumirem determinados comportamentos, desenvolverem um gosto por algo, a acreditar em “certas verdades” produzidas e veiculadas por ela, ou seja, o discurso sempre provoca uma interpelação.

Segundo Gregolin (2003), a mídia adapta e induz comportamentos e os modos de vida quando inventa símbolos que alimentam o imaginário social. Para a autora, a sociedade midiática da atualidade está fundamentada pelos espetáculos fantasiosos, guiados por valores passageiros.

A criação dessa ilusão de unidade⁴ do sentido é um recurso discursivo que fica evidente nos textos da mídia. Como o próprio nome parece indicar, as mídias desempenham o papel de mediação entre seus leitores e a realidade. O que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta. Nesse sentido – como construtora de imagens simbólicas – a mídia participa ativamente, na sociedade atual, da construção do imaginário social, no interior do qual os indivíduos percebem-se em relação a si mesmos e em relação aos outros. Dessa percepção vem a visualização dos sujeitos como parte de uma coletividade (GREGOLIN, 2003b, p. 97).

Essa questão de espetáculo fantasioso também acontece quando o tema é política partidária, pois desde que a mídia abriu espaço para que os políticos utilizem-se dela para atingir a massa, eles desenvolveram técnicas para produzirem a sua imagem a fim de conquistar e interpelar seu eleitorado. Para isso, eles se vestem bem, falam com calma, pausadamente, gesticulam com maior frequência e valem-se da simplicidade de seus discursos, pois os textos curtos e simples chegam com um impacto maior, produzindo efeitos de sentidos e revelando a memória discursiva em enunciados que se misturam no cotidiano popular, pois se valem de paródias para construir seus jingles de campanhas.

Consideramos, pois, que os enunciados emergem de diferentes campos associados e trazem consigo discursos que produzem diferentes efeitos de sentidos nos leitores e ouvintes desses enunciados; esses são estrategicamente formulados de acordo com os efeitos de sentidos que se deseja provocar no outro. Assim também, o administrador do *blog* Corino Urgente foi construindo suas charges alusivas à campanha política de Jacobina- Bahia, no período das eleições de 2012 e interpelando aqueles que acessam essa fonte de informação e comunicação.

2.1 Charge: um gênero sofisticado, sutil e inteligente

Compreendida como elemento do discurso, a imagem precisa ser analisada em sua relação com a história, com o posicionamento dos sujeitos que as produzem e que a leem. Como afirma Nogueira (2003, p.3) “enquanto manifestação comunicativa baseada na condensação de ideias, a sua compreensão requer um entendimento contemporâneo

ao momento exposto na relação dos personagens” interessando, portanto, não apenas observar os elementos que a constituem, mas compreender como se estabelecem os efeitos de sentidos provocados por esses elementos.

Qualquer texto oral, escrito e imagético organiza-se em um gênero discursivo, sendo que esses gêneros não são estáticos, pois surgem e se modificam em função de necessidades específicas. Desta forma, o que pretendemos neste trabalho é analisar o gênero discursivo charge, texto multimodal, e compreender como o discurso humorístico é compreendido com base na ADLF. É dessa forma que o sujeito sempre é levado a produzir sentidos, quando se depara com os textos imagéticos, assim acontece com as charges que são publicadas no *blog*, *locus* do nosso estudo.

Segundo Silva (2011), a charge surgiu na França do Século XIX, com função de protestar a censura na liberdade de expressão da imprensa da época. Esse gênero discursivo tem como intuito criticar, de forma contundente, acontecimentos contemporâneos ao momento que é produzida. É um gênero inteligente e sutil, pois consegue ‘dizer’ muito do seu conteúdo com poucos signos verbais e imagens, apesar de retratar sempre uma figura humana de cunho universal e de fácil reconhecimento, mesmo quando a imagem aparece sob forma de caricatura. Esse gênero tem uma vida breve e a sua interpretação vincula-se à memória discursiva de seus leitores.

Composta, prioritariamente por imagens, a charge expressa o olhar do chargista sobre questões de ordem cultural, social, política e às vezes religiosa, embora não seja recomendável por alguns defensores dos Direitos Humanos Universais. Ao criar a charge é comum recorrer ao humor como uma forma de manifestar essa visão crítica, sendo que esse gênero discursivo produz efeitos sentidos e de verdades por meio do dito e do não dito nos enunciados que a constitui.

Nesse é importante salientar que o humor é algo comum nesse gênero, mas não é o foco, pois é preciso ter consciência que este gênero discursivo é na realidade uma

[...] síntese dos acontecimentos filtrados pelo olhar de seus atentos produtores e a utilização de recursos visuais e linguísticos, a charge transforma a intenção artística, nem sempre objetivando o riso – embora o tenha como atrativo – em uma prática política, como uma forma de resistência aos acontecimentos (NOGUEIRA, 2003, p. 3).

Ao analisar as charges publicadas dentro do *blog* Corino Urgente, referente à política da cidade de Jacobina, interior da Bahia, no período das eleições de 2012, consideramos os efeitos de sentidos associados ao uso da linguagem, ou seja, duplo sentido, que é a interpretação literal de algo que precisa ser entendido em sentido figurado.

Esse é um recurso bastante utilizado pelo chargista no intuito de “mascarar” a crítica que está sendo feita dentro da charge, pois assim os leitores que não possuem um nível maior de criticidade, ao serem interpelados pelos discursos presentificados nas charges, agem responsivamente posicionando-se, muitas vezes, a favor do que está posto nas charges, sem polemizar os fatos, ou questionar sobre o que está se enunciando. Sobre isso Flores (2002, p.11) argumenta que a charge:

Contém grande potencial de questionamento crítico e de confronto de opiniões a respeito da organização social, dos arranjos políticos e da disputa pelo poder. [...] sua temática, em geral, versa sobre o cotidiano – questões sociais que afligem, irritam, desgostam, confundem [...]. Por natureza, é polêmica.

Partindo do pressuposto que ler, nos princípios da ADLF, é evocar memória discursiva, no caso das charges a interpretação exige do leitor que recorra ao arquivo social e faça uma escuta sensível daquilo que diz o texto, mas que nem sempre está visível, sendo de suma importância ao analista estudar o aspecto polifônico e dialógico atentando-se ao fato de que:

[...] discurso de outrem, na linguagem de outrem que serve para refratar a expressão das intenções do autor. A palavra deste discurso é bivocal. [...] O discurso bivocal é sempre dialogizado. Assim é o discurso humorístico, irônico, paródico [...] Todos são bivocais. Neles se encontra um diálogo potencial, um diálogo centrado de duas vozes de duas visões de mundo. (BAKHTIN, 2003, p. 127)

Nossa investigação buscou responder como tem se constituído os discursos políticos que materializam as charges veiculadas no *blog* Corino Urgente. Logo, se fez imprescindível recorreremos ao Interdiscurso, uma vez que a partir dele, analisamos as relações entre os discursos, ponderando outros que são recorrentes.

Segundo Heine (2012, p. 49), “O interdiscurso não é o simples conjunto de discursos que se relacionam mutuamente, mas é o conjunto do dizível marcado sócio historicamente, a partir do qual todo discurso se constrói.” Ressaltamos, então, que as

charges têm sua gênese em outros discursos proferidos anteriormente e só reconhecíveis por aqueles leitores que os têm armazenados em sua memória discursiva, ou ainda por aqueles que no momento da leitura o fazem via mediação de outra pessoa sob condições de produção de leitura no ato do encontro com textos dessa ordem, seja em uma conversa entre amigos ou grupo no WhatsApp, seja em situação de escolarização formal.

Assim, quando falamos de Interdiscurso, nos remetemos prontamente a algo que está presente dentro do texto (mas nem sempre explícito) a partir da polifonia ou a dialogia e que pode se manifestar por meio de citações direta ou indireta.

A interdiscursividade sustenta assim o “diálogo” da charge com outros textos/discursos: ela comumente contém informações que compõem editoriais, matérias e reportagens, ou seja, enfatiza o mesmo acontecimento abordado por outros textos apresentados num mesmo espaço e num mesmo tempo. Esta relação é deflagrada na medida em que o autor produz a charge buscando elementos nesses outros textos/discursos, ao mesmo tempo em que procura prever o posicionamento do público leitor. (PILLA; QUADROS, 2009, p.130)

Segundo Ismara Tasso (2008), o Interdiscurso, relacionando às redes de memória e à história, tem como efeito o apagamento da palavra do outro. Tudo que é dito por um sujeito só é possível devido à existência de dizeres anteriores a ele. Para Bakhtin (2003, p. 130) “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios.”

Neste caso, consideramos que a enunciação é de natureza social e para compreendê-la é preciso entender que ela ocorre no processo de interação verbal e essa se dá nas relações com discursos anteriores, percebidos pelo fenômeno da interdiscursividade. Essas redes de memória ecoam no Interdiscurso como uma voz não identificada que surge em um espiral interligando o passado ao presente, tornando “novo” o “já dito”. Nisso Courtine (1999) afirma:

(...) chamaria interdiscurso; séries de formulações marcando, cada uma, enunciações distintas e dispersas, articulando-se entre elas em formas linguísticas determinadas (citando-se, repetindo-se, parafraseando-se, opondo-se entre si, transformando-se). (...) É nesse espaço interdiscursivo, que se poderia denominar, segundo Michel Foucault, o *domínio da memória*, que constitui a exterioridade do enunciável para o sujeito enunciator na formação dos “pré-

construídos”, de que sua enunciação apropria-se. (COURTINE, 1999, p.18).

Ainda para Foucault (1972, p.26), “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento a sua volta”. Assim podemos dizer que os enunciados circulam na memória discursiva social e que se repetem de outra maneira, trazem consigo vestígios de suas significações anteriores e podem ser retomado mantendo os mesmos sentidos ou rompendo com esses.

Desta forma, ao estudar as charges, o analista deve buscar situá-las primeiro em seu contexto sócio histórico, apontando as condições de produção, analisando o dito e o não dito para interpretar as diferentes vozes do sujeito-autor, que se utiliza do diálogo entre a materialidade imagética e verbal para provocar uma interpretação em que se pretende julgar e formar opiniões acerca de determinado acontecimento, produzindo efeitos de sentidos a partir dos recursos da linguagem, remetendo a uma rede interdiscursiva originária do contexto histórico de determinada época.

É por isso que precisamos entender a necessidade que os indivíduos têm, no mundo contemporâneo, de se apropriarem desses conteúdos simbólicos que não deixam de ser influências e orientações para as suas diferentes relações sociais. Somos interpelados por variados meios multimidiáticos, que nos abordam de diversas formas, seja pela compaixão, pela solidariedade ou pela revolta, efeitos de sentidos produzidos nos leitores a partir da constituição dos textos ali veiculados, assumindo papéis significativos na conduta pessoal, na formação da identidade dos sujeitos.

Tendo a interdiscursividade como sinônimo de memória discursiva, sendo parte das condições de produção do discurso, não sendo apenas a relação entre os discursos, mas o conjunto de já ditos que se constitui como alicerce da atividade discursiva, a escola precisa entrar nessa ordem do discurso, oportunizando a interação dos estudantes com gêneros discursivos e multimodais dessa natureza, a fim de que possa ser ampliada a memória discursiva dos mesmos, dando-lhes a oportunidade de reconhecerem discursos que são retomados em novos outros textos e que interpelam esses adolescentes e jovens de diferentes formas, e muitos deles não percebem esse jogo de linguagem sedutor, persuasivo e deixam-se manipular.

2.2 Discurso, Interdiscurso e Multimodalidade

Com base nos estudos da obra *A Arqueologia do Saber*, podemos dizer que o discurso não deve ser visto apenas como conjunto de signos que tem a função de nomear coisas e registrar os objetos, mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam (FOUCAULT, 2004). Os discursos fazem mais do que designar coisas, porque além de mobilizar uma dimensão social, eles materializam as relações de saber e poder, oferecendo elementos daquilo que pode ou não ser dito. Ainda de acordo com Foucault, o discurso é:

(...) um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (...) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podem definir um conjunto de condições de existência (FOUCAULT, 2004, p. 135).

Partindo desse pressuposto, a ADLF de base foucaultiana sinaliza categorias de análises que viabilizam a apreensão de discursos manifestados por meio dos mais diversos enunciados que organizam e constituem os gêneros discursivos, vindos de diferentes formações discursivas e que circulam socialmente.

Muitas das informações veiculadas e exibidas nos ambientes midiáticos são instituídas a partir de estratégias discursivas, não meramente gramaticais, que organizam diferentes textos e discursos, responsáveis por criar opiniões, desenvolverem comportamentos em seus diversos públicos e produzirem múltiplos efeitos de sentidos.

A mídia em si contribui consideravelmente para socializar informações e conteúdos de diferentes ordens, pois os discursos ali veiculados estão interligados com as experiências culturais, crenças, saberes, ideologias. Entretanto, a formação da criticidade depende das experiências dos leitores que se deparam com esses discursos, pois os efeitos de sentidos desses variam de um leitor comum, para um leitor proficiente como afirma Bakhtin/ Volochinov (1995):

[...] A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (BAKHTIN/ VOLOSHINOV, 1995, p.95).

A proficiência desse leitor, a priori, precisa ser desenvolvida de forma sistematizada no espaço escolar. Os discursos nos chegam a todo instante e nós reagimos a eles com a mesma rapidez. Às vezes, sem questionarmos, somos conduzidos por discursos unilaterais e terminamos reproduzindo aquilo que outros dizem e até nos impõem sem refutarmos, o que é próprio dessa velocidade contemporânea. Portanto, quanto mais proficiência e criticidade temos enquanto leitores, mas possibilidades temos de agirmos responsivamente perante esses discursos.

Disso decorre a urgência da escola responsabilizar-se de forma eficiente e eficaz com a formação de leitores desses gêneros multimodais e multimidiáticos que muitos dos nossos adolescentes acessam com apenas um ‘clik’, pois a ferramenta de leitura está na palma de mão e tem se caracterizado como objeto inseparável, a exemplo dos smartphones. É por meio deles que acessam as redes sociais o também *blog*, a exemplo do Corino Urgente.

Assim como o rádio fora no passado imprescindível para fazer circular as informações, hoje a Internet é um dos meios de comunicação mais acessados pela população. Ela envolve as várias áreas do conhecimento humano, interligando-as e envolvendo-as com diversas formas de comunicação, viabilizada por textos que materializam discursos e que conjugam de forma simultânea imagens fixas ou em movimento, sons, palavras orais e escritas, formatadas em vídeos, longa e curta metragens.

Desse mecanismo tecnológico e sinestésico surge o termo multimodalidade. Kress e Van Leeuwen (2006) tratam do conceito de multimodalidade a partir do sistema de composição que pode incluir uma página de jornal, um programa televisivo ou a tela de um computador, como sendo textos visuais que combinam com o verbal e o não verbal e ainda possibilitam a inclusão em sua composição de outros elementos gráficos além desses. Assim, o texto multimodal caracteriza-se pelos diversos códigos semióticos combinados para a realização de seus significados. Por conseguinte, lê-se também pelos sentidos.

Acessar a multimodalidade de um hipertexto, por exemplo, seria trazer à visibilidade suas interfaces com outros modos semióticos de representação, além do verbal, tais como pictórico, o sonoro ou a organização espacial. Ao fazê-lo, buscamos privilegiar em cada modo sua contribuição para o todo como uma unidade de significação, como um “texto integrado”. (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 177).

Os autores apontam também que um texto multimodal aplica significados em múltiplas articulações, tal como forma, significado, som e movimento, opondo-se à linguagem tradicional, em que o texto é tratado a partir da dupla articulação, que é forma e significado, como afirma Kress; Van Leeuwen (2006).

Silva (2008, p. 57), por sua vez, fala que “[...] a multimodalidade de fato trata de recursos que vão além do código escrito, da língua, e aborda sons (músicas), imagens dinâmicas (vídeos e animações) e, em especial as imagens (desenhos e fotografias)”.

Em vista disso, por estar inserido no sistema multimidiático que congrega esses textos multimodais, o *blog* tornou-se palco de múltiplos espetáculos, que certamente se dividem entre aquilo que pode ser informado e aquilo que, uma vez editado, causaria mais impacto para o público, produzindo diferentes efeitos de sentidos e instaurando novas responsabilidades, portanto, também o apagamento é uma estratégia presente no *blog*.

O termo *blog* surgiu a partir do *weblog* do escritor Jorn Barguer em 1997, com o intuito de compartilhar informações. O *blog* intitulado *Corino Urgente: De rabo preso com o leitor*, locus dessa pesquisa, foi fundado no dia 11 de maio de 2009 pelo senhor Corino Rodrigues de Alvarenga, diretor-presidente e administrador do *blog*, com o intuito de socializar informações, promover discussões, emitir opiniões, divulgar eventos e acontecimentos da cidade de Jacobina-Bahia, região e fatos cotidianos do mundo.

O *blog* é composto por textos (matérias jornalísticas), entretenimento, vídeos, fotos, crônicas e as charges, objetos de nossa investigação. Em uma conversa informal com o diretor-presidente e administrador do *blog*, realizada no início dessa investigação, ele nos informou que de acordo com cinco diferentes pesquisas feitas em Jacobina-Bahia, o Corino Urgente representa cerca de 50% do segmento de sites e *blogs* no município, com cerca de 51% de preferência nas enquetes.

Esse *blog* já ganhou, em quatro anos e meio, 12 prêmios. Duas vezes o Prêmio Mérito Lojistas da Câmara de Dirigente e Lojistas – CDL, Associação Comercial de Jacobina-ACIJA e Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas- SEBRAE, como líder de mercado. O site possui cerca de 30 mil leitores/dia e esse número tem crescido a cada mês, segundo pesquisas e registro na internet.

As charges são os textos mais consultados no *blog*; são muito populares entre os leitores e têm como foco abordar questões políticas, dando uma ênfase ao poder público da cidade de Jacobina- Bahia, trazendo a partir do humor e da crítica realidades vividas pela população jacobinense, sempre com ênfase aos fatos alusivos à política partidária.

Kellner (2001, p.27), ressalta a importância das ferramentas interativas, a exemplo do *blog*, ao falar das mudanças políticas, sociais e culturais de longo alcance que seguiram uma significativa proliferação de novas teorias e métodos que facilitam o entendimento tanto da cultura como da sociedade contemporânea.

Nesse sentido, ratificamos a importância desse *blog*, pois ele nos permite acompanhar um pouco da história da política de Jacobina na atualidade, de um jeito leve e bem humorado, embora haja uma vontade de verdade que implicitamente marca a posição e a opção política do editor das charges e, ao mesmo tempo, administrador do *blog*. Ademais, ressaltamos que as charges trazem consigo um Interdiscurso que ‘reaviva’ a nossa memória de leitor e eleitor, mesmo não sendo imparcial a postura do referido *blog*.

Segundo Kellner (*op.cit.*), “em nossas interações sociais, as imagens produzidas para a massa orientam nossa apresentação do eu na vida diária”, direcionando nossas relações sociais, criando nossos valores e objetivos sociais. Então, o que constrói os sentidos na imagem não é a parte que nela se explicita, mas o invisível, o indizível, sendo possível assegurar que a opacidade da linguagem não se restringe apenas ao aspecto verbal, mas também abrange os aspectos imagéticos, os sons, os gestos e outras materialidades que são peças da linguagem e manifestações de discursos. Silva (2009), reafirmando a importância da multimodalidade pondera que:

Multimodalidade é a capacidade de um texto se constituir por diversos modos de linguagem, de forma que o sentido é construído com base na articulação textual estabelecida entre os diferentes modos de constituição do texto (SILVA, 2009, p. 4).

Dionísio & Vasconcelos complementam dizendo que:

A sociedade na qual estamos inseridos se constitui como um grande ambiente multimodal, no qual palavras, imagens, sons, cores, músicas, aromas, movimentos variados, texturas, formas diversas se combinam e estruturam um grande mosaico semiótico. Produzimos, portanto,

textos para serem lidos pelos nossos sentidos (DIONÍSIO & VASCONCELOS, 2013, p.19).

Isso nos dá a certeza de que esses recursos sinestésicos propiciados pela multimodalidade que legitima cientificamente o uso da imagem fixa ou em movimento, da cor, da sonoridade, do verbal oral ou escrito que constituem os textos, solo dos discursos, são indispensáveis para a construção dos significados, ou seja, a formulação dos discursos, bem como para a produção de efeitos de sentidos dos mesmos.

Quando analisamos gêneros discursivos a exemplos das charges, percebemos que os discursos e a relação existente com a mídia não funcionam somente como práticas discursivas, mas principalmente como práticas persuasivas. Nesse sentido, as formulações construídas (enunciados verbais, verbal-imagético, fixos ou em movimento) apagam, delimitam, classificam, evidenciam os discursos de acordo com a vontade de verdade e os efeitos de sentidos que se deseja interpelar e produzir nos sujeitos leitores desse gênero.

Compreendemos, então, que os discursos de diferentes ordens exercem um intenso poder sobre os sujeitos. É por meio dele, o poder, que os sujeitos tendem banalizar a barbárie vivenciada em nossa sociedade, a corrupção, a imposição de comportamentos ditados pelas mídias em relação à solidariedade, à sexualidade, ao xenofobismo, entre outros.

Sem romantismo, acreditamos que o saber ainda se constitui como fonte de poder para que as pessoas saibam cuidar de si, o ser-si (FOUCAULT, 1972), ou seja, ajam responsivamente e de forma crítica diante dos apelos feitos por esses discursos persuasivos e sedutores, mas também perversos, muitas vezes. Porque ao invés de emancipar os sujeitos, os aprisionam pelas correntes invisíveis da ideologia consumista e individualista e das teias de poder.

2.3. A constituição do *ethos* discursivo

O conceito de *ethos* etimologicamente tem sua gênese na Retórica de Aristóteles, quando o autor acreditava que o *ethos* tinha correspondência com o caráter que o orador apresentava na hora do seu discurso, sendo que o *ethos* era ligado à enunciação, por isso era flexível e mutável.

Reformulado essa concepção para ADLF, Maingueneau (2000) afirma que o *ethos* é uma noção discursiva, ele se constitui por meio do discurso presente e não é apenas uma “imagem” do locutor exterior à fala. Por isso esse estudioso francês contemporâneo acredita e reafirma que o *ethos* é fundamentalmente um processo interativo de influência sobre o outro, assim podemos afirmar que:

[...]o *ethos* é uma noção *discursiva*, ele se constrói através do discurso, não é uma imagem‘ do locutor exterior a sua fala;
O *ethos* é fundamentalmente um processo *interativo* de influência sobre o outro;
é uma noção fundamentalmente *híbrida* (sócio-discursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio-histórica. (MAINGUENEAU, 2008b, p. 17).

Deste modo, partimos do princípio que o *ethos* está associado à construção da imagem do enunciador no e pelo discurso e não corresponde a qualquer opinião prévia que se tenha sobre sua pessoa. Podemos falar, então, que há uma distinção entre *ethos* e a imagem do enunciador.

É como se as ideias se apresentassem pela forma de dizer que é também uma maneira de ser, que por vezes estão ligadas às representações e normas de postura do corpo em sociedade, ou seja, da posição que o sujeito ocupa na sociedade e aquilo que se espera de alguém que ocupa tal lugar.

No imaginário social quando falamos que um pastor evangélico vai abrir uma sessão solene, já está na nossa memória social os possíveis e previstos conteúdos que organizam um discurso dessa natureza. Isso não significa que tal expectativa não possa

ser rompida. Dessa forma, as propriedades discursivas de um gênero estão ligadas às condições de enunciação que vão desde o estatuto do enunciador até o *ethos*.

Dentro das charges disponibilizadas pelo *blog* investigado, podemos perceber que elas ocorrem a partir de pistas diretas e indiretas, ao nível do dito e do mostrado e faz menção ao que explica Maingueneau (2005), ou seja, que o *ethos* é formado pela junção do pré-discursivo (a imagem que temos do enunciador antes mesmo que ele fale) com o discursivo (que são as declarações que são postas nos enunciados dentro das charges). Assim, a partir das bases teóricas da Análise do Discurso de Linha Francesa, podemos compreender que:

A problemática do *ethos* pede que não se reduza a interpretação dos enunciados a uma simples decodificação; alguma coisa da ordem da experiência sensível se põe na comunicação verbal. As ‘idéias’ suscitam a adesão por meio de uma *maneira de dizer* que é também *uma maneira de ser*. Apanhado num *ethos* envolvente e invisível, o co-enunciador faz mais que decifrar conteúdos: ele participa do mundo configurado pela enunciação, ele acede a uma identidade de algum modo encarnada, permitindo ele próprio que um fiador encarne. O poder de persuasão de um discurso deve-se, em parte, ao fato de ele constranger o destinatário a se identificar com o movimento de um corpo, seja ele esquemático ou investido de valores historicamente especificados (MAINGUENEAU, 2005b, p. 29).

Assim sendo, a construção do *ethos* indireto relaciona-se aos estereótipos sociais. Isso é perceptível quando a representação de determinado ser discursivo é percebida a partir da voz de outro sujeito, que nos faz lembrar de grupos sociais semelhantes. O *ethos* nos remete a estereótipos para que seja definido um *ethos* singular, não falando diretamente de si, mas nos fazendo lembrar determinados grupos ali representados na singularidade daquele enunciador.

Dessa forma, Maingueneau (2000, p.11) argumenta que “através do *ethos* o enunciador se investe de uma identidade e confere uma ao seu ouvinte-leitor”. Portanto o *ethos* pode ser considerado como um dos elementos de persuasão, componente base de um argumento, fazendo com que o orador possa influenciar indiretamente (a partir do que está implícito no seu discurso) o público a seguir determinado caminho, considerado por ele o caminho certo, ou seja, sua vontade verdadeira.

3 DO INTERDISCURSO À VONTADE DE VERDADE NAS CHARGES DA CAMPANHA ELEITORAL EM JACOBINA - BAHIA

O tema proposto neste trabalho foi uma análise do discurso humorístico presente em charges que são disponibilizadas no *blog* Corino Urgente. Para compor nossa série enunciativa foram selecionadas oito charges que constituíram o *corpus*.

As análises foram realizadas com base em um recorte da obra *A Arqueologia do Saber*, fundamentada no método da Descrição-Interpretação (FOUCAULT, 1972), pertinente a ADLF que permite o movimento de leitura crítica, instaurando o processo de descrever e interpretar a partir da materialidade linguístico-discursiva, verbal, verbal-imagética que constitui as formulações (os enunciados).

Para tanto, recorreremos aos conceitos de enunciado, Interdiscurso, formação discursiva e arquivo para compreender a partir da materialidade linguístico-discursiva e imagética como é constituído esse discurso humorístico dentro das charges que são veiculadas pelo *blog* estudado nesse trabalho.

Desse modo, é válido ressaltar que as charges aqui analisadas foram selecionadas, levando em consideração o período correspondente à campanha política municipal nas eleições de 2012, no município de Jacobina, Bahia. Nessa ocasião, esse *blog* ganhou grande repercussão.

O *blog* Corino Urgente tinha como objetivo dividir com os internautas textos, fotos, áudios, vídeos alusivos aos acontecimentos de Jacobina e região. Por ocasião da campanha política eleitoral para cargos de prefeito e vereador no ano de 2012, seu administrador inovou e passou a criar, editar, publicar e socializar charges que possibilitaram um diálogo entre as diferentes formações discursivas para a constituição do discurso político e humorístico.

Vale destacar a relevância de ficarmos atentos ao sermos interpelados pelas formulações que constituem essas charges. Elas fazem parte de uma formação discursiva, cuja gênese está em um campo associado político regional do município de Jacobina e que podem ser interpretadas (positiva ou negativamente) pelo senso comum de forma acrítica, por isso podem influenciar e se desdobrar em atitudes para a vida cotidiana, como por exemplo, no voto.

Assim como o administrador do *blog* produz e publiciza pelas charges sua vontade de verdade, também nós ousamos a refletir sobre ‘nossas verdades’, agindo responsivamente ao analisarmos as charges apresentadas no *blog*, embora com objetivos diferenciados. O *blog* tende a influenciar a opinião pública sobre um determinado candidato, em detrimento de outros. Nós, ao contrário, nos propusemos a guisa da ciência linguística e da linguagem, pois abarcamos a multimodalidade, a analisar de que forma o chargista constrói seus discursos.

Ressaltamos que nesse espaço virtual os discursos multimodais que ali circulam têm o poder de interpelar os leitores e eleitores do município de Jacobina e região, uma vez que é um gênero sofisticado, porque dado a sua concisão linguístico-discursiva e imagética, exige do leitor e eleitor saberes de diferentes ordens, nem sempre presentes em sua memória discursiva, para que esse possa agir responsivamente diante das mesmas, concordando e apoiando um determinado candidato, ou rompendo com ele.

Figura 1



Fonte: www.corinourgente.com
Acessado em: Maio de 2014

A Figura abre a nossa série enunciativa. Observamos neste *corpus* que a prática discursiva utilizada pelo *blog* produz sua discursividade a partir de enunciados organizados pelos planos: verbais e imagéticos. A seguir aplicamos a metodologia da descrição-interpretação, por meio das categorias de análise: enunciado, discurso, formação discursiva e arquivopara analisar a série enunciativa constituída de oito charges veiculadas no *blog* durante o período da campanha eleitoral de 2012, realizada

no município de Jacobina, Bahia. Todos os dizeres produzidos no período dessa campanha constituem o arquivo sobre esse acontecimento.

O chargista na Figura 1 revela a obrigatoriedade do voto no Brasil por meio de um texto multimodal que apresenta um cidadão comum, com traços de afrodescendente, estiloso e irreverente pelo uso do chapéu panamá, adereço não muito comum entre os cidadãos jacobinenses.

A figura humana foi editada com recursos gráficos que mantêm resguardada a identidade do sujeito. Os balões da fala estão destacados pela cor amarela e branca; o texto está em caixa alta, facilitando a leitura do mesmo; o interlocutor que enuncia marca sua identidade em faixa que lembra uma flâmula em movimento, usa as cores vermelha e branca que dão destaque ao gênero que li se materializa: “CORINO/HUMOR”.

O editor deixa de imediato transparecer que a charge é apenas um gênero de entretenimento ao usar o termo ‘humor’. Entretanto, esse recurso é utilizado para organizar um discurso que interpela o sujeito sobre um fenômeno muito sério da vida cidadã de brasileiros e brasileiras que é o direito ao voto.

Evocando nossa memória discursiva, compreendemos que o ato de votar passou a ser obrigatório após a Revolução de 1930, sendo facultativo apenas para idosos, analfabetos e jovens com menos de 18. Aquele que não comparecer a sua seção fica proibido de tirar carteira de identidade, passaporte, prestar concursos públicos e ainda precisa prestar contas à Justiça Eleitoral.

Podemos perceber que o humor presentificado na Figura 1, pela expressão facial do rapaz e aquilo que enuncia, constitui-se como uma prática de subjetivação acerca dos políticos, quando o sujeito afirma: “... Estão me obrigando a ser cúmplice de ladrões!”, que neste caso, evoca uma memória discursiva que predica os políticos como “ladrões”.

Essa leitura está autorizada, posto que o perfil do político no Brasil está sempre atrelado aos escândalos econômicos, corrupção, desvio de verbas, fazendo com que a figura do político ganhe essa representação negativa perante a sociedade e constitua desse modo, o arquivo social sobre nuances da política partidária brasileira.

Dessa forma, considerando o que podemos associar a partir de nossas crenças e posições discursivas, temos o campo associado que para Foucault (1972):

“É exatamente este contexto que vai dar às frases e conjuntos de signos o caráter de enunciado. Sendo constituído de: a) Formulações no interior, onde o enunciado se inscreve e forma um elemento; b) Conjunto de formulações ao que se refere (podendo assim modificá-las, repeti-las, se opor a elas, etc.); c) Conjunto de formulações de que divide o estatuto, valorizando ou apagando a possibilidade de um discurso adiante.” (FOUCAULT, 1972, p. 34)

Os textos multimodais que a mídia veicula não são independentes, isto é, mantêm sempre semelhanças com outros textos (interdiscursividade), recorrendo à memória discursiva sobre o que já se falou a respeito deste tema, por isso podemos dizer que o discurso midiático não é algo neutro já que atua na construção de ideias e personalidade do sujeito e em suas atitudes.

A partir do Interdiscurso, esse conjunto de vozes que ecoa nos textos, mas nem sempre é perceptível por todas as pessoas que interagem com eles, observamos que o diálogo estabelecido entre a imagem e o enunciado está articulado com a prática de subjetivação, influenciando os leitores a pensarem na relação entre o ato de votar e as posturas de ser cúmplice de um ladrão.

Então, dentre esses diversos tipos de discursos midiáticos multimodais, sempre sedutores e persuasivos, estrategicamente editados para nos emocionar e envolver, podemos dizer que “a linguagem não é neutra, inocente e nem natural, por isso é um lugar privilegiado para a manifestação do poder” (BRANDÃO, 2004, p.11).

Outros sim, “a comunicação verbal não poderá jamais ser compreendida e explicada fora desse vínculo com a situação concreta” (BAKHTIN, 1995, p.124), por isso o predicativo ‘ladrão’ é perfeitamente aceitável no Brasil quando se trata de sujeitos filiados à política.

Disso decorre a força simbólica que a língua (gens) e sua natureza social têm sobre nós e nossas atitudes. Para Bakhtin (1995) a linguagem é uma prática social, logo envolve as experiências do sujeito, e essas se constituem como parte integrante do seu dizer. Esse estudioso afirmara em seus estudos:

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis. A palavra está sempre carregada de um sentido ideológico ou vivencial [...] A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas [...], mas pelo fenômeno social da interação (BAKHTIN, 1995, pp. 95 e 123).

Somos o tempo todo interpelados por discursos vindos de múltiplas formações discursivas e vamos sendo submetidos a exercer uma função de consumidor desses discursos, e sem percebermos, muitas vezes vamos naturalizando e reproduzindo tais discursos, como constatamos na Figura 1.

Figura 2



Fonte: www.corinourgente.com

Acessado em: Maio de 2014

Nesta charge da Figura 2 temos a materialidade imagética que remete ao humor gerado pela variação de sentido existente entre a palavra “Cachorrada” que no seu sentido literal remete a um grupo de cachorros. Essa palavra traz consigo um aspecto polissêmico. Na charge, ela assume um caráter metafórico. Esse é um fenômeno estilístico e ocorre quando a palavra envolve transferência de sentidos, ou ainda costumamos chamar de palavras com sentido figurativo ou conotativo, que fogem a sua

referência primária: *cachorro* é um substantivo que deriva *cachorrada*. A esse respeito salienta Foucault (1971):

A materialidade (...) não é simplesmente princípio de variação, modificação dos critérios de reconhecimento, ou determinação de subconjuntos linguísticos. É constitutiva do próprio enunciado: o enunciado precisa ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data. E quando esses requisitos se modificam, ele próprio muda de identidade. (FOUCAULT, 1971, p. 126).

Neste caso da Figura 2, a escolha do personagem também foi estrategicamente pensada, pois, por ser um cachorro representado de raça pedigree, o seu protesto acaba tendo mais valor simbólico no imaginário social pelo fato de existir dentro desse discurso uma comparação entre os cachorros e os políticos.

Esse sentido é ressaltado a partir da relação entre a enunciação em que aparece a palavra *cachorrada* e o conhecimento de mundo dos leitores, posto que é uma expressão naturalizada pela maioria dos brasileiros quando se trata de fatos políticos.

Podemos observar também que a expressão facial trazida pelo cachorro com os olhos chorosos, as orelhas caídas e o focinho baixo é de quem está protestando, mesmo de forma apelativa para que quem o observe se solidarize com ele, compreendendo que a atitude dos políticos não tem algum vínculo com ‘vida de cachorro’, inclusive, pedigree. Ele, o cachorro, sente-se ofendido com o uso que as pessoas fazem desse termo ‘cachorrada’, dado o significado original e os efeitos de sentidos que produzem quando usado metaforicamente para constituir enunciados alusivos à política brasileira.

O chargista organiza seu texto e provoca efeitos de sentidos diferenciados em seus leitores. Um leitor comum e menos proficiente pode concordar de forma passiva com o discurso veiculado na charge. Um leitor mais crítico pode evocar sua memória discursiva e ser capaz não aceitar enunciados dessa ordem.

Esse leitor pode identificar a raça a qual o cachorro pertence que na charge é um Cocker Spaniel, originada da Inglaterra, sendo o animal porte médio e de fácil adestramento. Pode ser até mesmo sendo um defensor dos animais, logo vai discordar da comparação feita, ou seja, não admite que o perfil de corrupção seja ligado a essa raça. Para Gregolin (2007) “a coerência em cada discurso particular é efeito da construção

discursiva: o sujeito pode interpretar apenas alguns dos fios que se destaca das teias de sentidos que invadem o campo do real social”.

Neste caso, se lavarmos em consideração que a leitura da charge está sendo feita por um leitor envolvido na política, diante desse texto ele pode se sentir desvalorizado, diminuído e até agredido ao ser comparado com o “cachorro” ou suas atitudes com “cachorrada”. Isto porque o texto traz consigo discursos que produzem efeitos de sentidos diferenciados para cada leitor. Um admirador ou criador de cachorro que tenha consciência do perfil da política brasileira vai achar inadmissível tal comparação, pois é uma ofensa aos cachorros.



Fonte: www.corinourgente.com
Acessado em: Maio de 2014

O enunciado que se materializa na Figura 3 remete para outra situação política pela qual passava o município de Jacobina-Bahia, no período de 2012. Em destaque na charge temos o L.P (antigo prefeito do município de Jacobina) e V.C (candidata a reeleição). Mantivemos as siglas para garantir parcial identidade dos mesmos. Estes dois personagens atuam diretamente na política de Jacobina, pois, L.P. foi durante muitos

anos prefeito desse município, mais na eleição do ano de 2008 o Tribunal de Justiça da Bahia – TJBA impugnou sua candidatura, impossibilitando o mesmo a concorrer ao pleito nesse período.

Nessa ocasião, o partido não tendo um nome de ‘peso’, lançou como candidata à eleição a esposa de L. P., que assumia o cargo de assistente social no município, a então senhora V.C. A candidata foi eleita, tornando-se uma prefeita muito criticada, pois muitos acreditavam que na realidade quem administrava era o seu esposo. No ano de 2012, o TJBA manteve a condenação de improbidade do ex-prefeito de Jacobina, L. P. fazendo com que V.C. tentasse a reeleição de sua candidatura.

Nesse período de final de mandato da candidata que já se preparava para a reeleição, a Organização Não Governamental de nome Jacobina Agoniza tinha proposto uma manifestação popular: primeiro para cobrar da Administração Municipal, ou seja, da prefeita V.C (P.P), a implantação do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência – SAMU 192; um Laboratório Central de Saúde Pública – LACEN; uma Unidade de Terapia Intensiva – UTI e a Unidade de Pronto Atendimento - UPA e, segundo, para demonstrar a insatisfação do cidadão e da cidadã jacobinense com modelo de gestão que vinha sendo feito.

Para surpresa de todos, a prefeita V.C (P.P) resolveu aparecer na caminhada, apoiando a reivindicação dos manifestantes. Esses, por sua vez, interpretaram a presença da prefeita no ato como um oportunismo, pois o ato havia sido programada pela oposição contra a política pública municipal de saúde. Hostilizada, vaiada e agredida por objetos e ovos, a prefeita saiu do local escoltada pela Polícia Militar.

Meses após o ocorrido, a ONG Jacobina Agoniza promoveu outra passeata com o objetivo de reivindicar o abandono do Hospital Antônio Teixeira Sobrinho e o descaso com a saúde pública no supracitado município. É desse lugar que emerge a Figura 3. Evocando sua memória discursiva, o chargista veicula no *blog* essa charge, causando humor aos leitores pelo fato de trazer em seu enunciado: “*E Jacobina tem uma prefeita cantora...*”

Vale ressaltar que as imagens retratadas são os próprios candidatos. Foi feita uma arte para ‘brincar’ e não deixar tão evidente de quem se tratava. Observamos que ao ser orientada a participar de uma manifestação pública, a candidata nega-se, dizendo: - *Vou*

não! Quero não! Posso Não! A oposição num deixa, não. O humor dá-se pelo Interdiscurso que nos remete a outra formação discursiva, vindo do campo associado da música popular e estrategicamente usado pelo chargista para compor o discurso que se pretendia naquela enunciação.

Cabe salientar o esmero do chargista ao produzir esse texto. Há na imagem das figuras humanas ali representadas certa ‘distorção’ e movimento que são condizentes com o texto, que deve ser lido como ‘música’, pois há presença de ícones que nos remetem ao universo de pauta musical, além de ser essa canção, na época, um hit de sucesso, por ser o refrão da música “Minha Mulher não deixa não”, cantada pela banda Aviões do forró. O chargista consegue causar outros efeitos de sentidos, diferentes daquele trazido na letra original, para dar um toque humorístico à charge.

Essa música aí enunciada também gera humor pelo fato de ser o marido da candidata à reeleição, quem impõe que ela tem que ir a passeata promovida pela ONG Jacobina Agoniza, quando ele diz: *“Val, quero que você vá hoje a passada do movimento Jacobina Agoniza, tá.”*

Ao trazer a resposta de V.C (P.P) parodiando a música, o chargista utiliza artifícios e mecanismos verbais e verbo-visuais para satirizar e ativar o arquivo de memória do leitor. Esse poderá lembrar-se do ocorrido da primeira vez que a candidata participou da manifestação, mas toda essa informação implícita é muito sutil e nem todos os jacobinenses conseguem evocar tal episódio. Assim, percebemos que o autor da charge utiliza discursos de duas formações discursivas, política e musical, para atribuir efeitos de sentidos ao seu texto, recorrendo à interdiscursividade como elemento constitutivo do seu discurso.

Figura 4



Fonte: www.corinourgente.com

Acessado em: Maio de 2014

A figura 4 filia-se ao arquivo sobre a política brasileira de maneira mais universal. É interessante observar que nessa figura o chargista utiliza-se de um aplicativo que captura as expressões do rosto humano, convertendo em um personagem criado em computação gráfica, que nesse caso é um animal, um cachorro, ser vivo bastante utilizado por ele nas charges quando se trata de política.

Nesta charge, a crítica em relação aos eventos típicos e previstos durante as campanhas eleitorais dá-se pela criação dos neologismos: *Cãomício e Cãorruptão*, que provocam o efeito do humor por meio da criatividade do chargista. Essa brincadeira com as palavras que compõem o enunciado leva os leitores a pensarem nos políticos se comportando como cachorro, ou seja, o comício ou cãomício revela falsamente a ideia de apoio de uma maioria de eleitores, caso tenham muitas pessoas participando desse desde a passeata na saída do comitê até o final do evento.

Faz parte da cultura brasileira a ideia de ‘não vou perder meu voto’, ou seja, alguns eleitores desavisados e acríticos não compreendem a função social desses representantes públicos e muitos eleitores tem consciência deque tanto faz candidato A ou B, pois eles ignoram as questões sociais, querem apenas assumir e exercer o poder.

Assim, o Cãomício por analogia pode ser comparado aos cachorros quando disputam uma cadela, brigam, perseguem e se agridem, tudo isso porque um grupo busca se unir para repelir o outro grupo, sempre procurando aliados para se coligarem e fortalecerem um grupo só.

No Brasil, segundo Cartilha do TRE (2012), geralmente ocorre a partir do mês de “julho do ano das eleições, até a antevéspera do primeiro ou segundo turnos” (p. 8) as campanhas eleitorais, nas quais os candidatos distribuem seu material de propaganda e fazem uma série de atividades com vistas à projeção de seus nomes e de sua imagem para apreciação da comunidade. Entre essas estão os comícios.

Comumente são nos eventos públicos que o candidato a prefeito, vereadores, comissão do partido entre outros, sobem ao palanque para apresentarem à população as propostas e plano de governo. Entretanto o que acontece é o contrário, eles apresentam uma ou

outra proposta e utilizam o tempo para atingir, muitas vezes de forma pejorativa a imagem do seu concorrente que no momento do seu comício faz a mesma coisa.

Também podemos ainda fazer uma analogia a esse momento, pois quando os políticos estão discursando, o seu dizer constitui-se a partir da rede interdiscursiva do candidato opositor. Isso significa que na maiorias das vezes, as enunciações dos políticos em situação de campanha eleitoral são previsíveis, ou seja, o *ethos* ali se manifesta e dificilmente o auditório ouve propostas de gestão, mas acusações e respostas ao que foi dito pelo opositor em comícios anteriores. Disso decorre o uso do termo ‘o cãomício’, que aparece como um evento em que prevalece a ‘cachorrada’, a disputa verbal agressiva que em nada contribui para o bem estar da população.

Aquele que sobreviver ao ‘cãomício’, em pouco tempo aparece no noticiário exercendo não apenas o poder sobre o município e realizando sua gestão, mas surge envolvido em casos de ‘cãorrupção’. Por isso a educação escolar precisa se posicionar frente ao seu papel emancipador, pelas práticas de leituras cada vez mais sofisticadas com a finalidade de formar não apenas leitores, mas também jovens eleitores críticos e participativos.

Figura 5



Fonte: www.corinourgente.com

Acessado em: Maio de 2014

Podemos ressaltar que as práticas discursivas veiculadas por esses textos multimodais presentificados por esse *blog*, trazem uma sofisticação e sutileza ao serem constituídas por significados persuasivos. É a partir do humor sarcástico e do jogo de palavras que surgem as críticas, buscando chamar a atenção do sujeito para determinado candidato.

Assim, observamos na Figura 5 um diálogo entre duas pessoas, no qual a personagem feminina denominada Ana convida personagem masculino nomeado como Chico para ir ao Arrastão. A palavra *arrastão* faz parte do nosso imaginário social. Pode significar para alguns as manifestações culturais da grande multidão que se encontra para o Círio de Nazaré, folguedo paraense. Pode ainda nos remeter aos eventos de violência e baderna com furtos que ocorreram nas metrópoles, começando pelo Rio de Janeiro.

De acordo com o dicionário online de português, o termo *arrastão* pode significar “ser roubado por bando delinquente improvisado, ou no caso de ir ao *arrastão*, deixar-se levar por influência de alguém”.

Não é à toa que o chargista e administrador do *blog* faz uso dessa palavra. Recorrendo ao período em que essa charge foi veiculada, é possível predizer que a palavra “*Arrastão*” trazido nesse enunciado referia-se ao comício da candidata V. C. (PP). Esses comícios são eventos significativos realizados pelos candidatos e suas coligações partidárias, aberto ao público, que ocorrem em praças, ruas ou avenidas e é o momento em que proferem seus discursos, como citado acima quando falamos da Figura 4.

Quando o personagem Chico responde: “Não Ana, eu sou do bem! *Arrastão* é coisa de ladrão. Tô Fora!”, isto nos remete a uma prática de subjetivação acerca dos políticos, pois evoca uma memória discursiva que predica ao candidato que está promovendo o “*Arrastão*” como se todos aqueles que participam deste movimento fossem ladrões e como ele supostamente não faz parte daquele grupo, ele é considerado do bem.

Esse fato também pode ser identificado no plano da imagem, quando observamos as cores com predomínio do preto e branco que não são consideradas cores no plano das artes. Trazidas na charge, segundo Kress e Van Leeuwen (2001, p.58) “funcionam como um dispositivo semiótico formal capaz de representar ideias, atitudes, ressaltar informações e estabelecer coerência e coesão nos textos”.

Dessa forma as cores levam o leitor a identificar que Ana por fazer parte do partido que está promovendo o “*arrastão*” não mostra o rosto estando de costas e trazendo o preto

como plano de fundo ficando no escuro; Enquanto Chico mostra o rosto e aparece do lado mais claro trazendo como plano de fundo uma cor mais voltada para branco, trazendo uma expressão preocupada, pensativa afirmando-se ser do “bem”.

Figura 6



Fonte: www.corinourgente.com
Acessado em: Maio de 2014

Durante o período que antecede as eleições é comum que existam construções de enunciados cristalizados e característicos do momento político. Os enunciados já são previsíveis a esse *ethos*. Podemos dizer que durante a campanha eleitoral eles utilizam as imagens que mais sensibilizam a comunidade para tentar persuadir o eleitorado.

Cada candidato, durante a campanha tem que criar estratégias e planos que chamem a atenção das pessoas para a construção de uma imagem positiva de seu *ethos*. Sendo assim, eles fazem visitas aos hospitais, projetos sociais, às feiras livres entre outros espaços ignorados no momento pós-eleições.

Selecionar as palavras, cuidar da construção sintática para ser compreendido, falar pouco e pausadamente, valer-se da retórica para demonstrar firmeza e poder pelo uso da palavra oralizada e apresentar o projeto de governo que busquem sanar as precariedades daquela gestão, se for oposição, ou da comunidade se estiver no poder, são recursos recorrentes usados por essa categoria. Gregolin (2003) alerta para o fato de que o político comercializa sua imagem como um produto a ser consumido, e o voto é este produto de consumo que eles procuram.

Tendo a mídia o poder de exercer uma formulação de ideias para seus interlocutores, analisamos a charge acima como mais uma das técnicas que se efetivam em um discurso

mediático, tentando a partir do plano de campanha do candidato R. M. (PMDB) trazer novos sentidos à palavra “buraco”. O chargista recorre à estilística da linguagem e faz uso literal e metafórico da palavra.

Nesta figura 6, a formulação é também multimodal. Cores, imagem e o verbo constroem o texto. Conseguimos visualizar a partir da composição imagética que se trata do candidato a prefeito de Jacobina-Bahia, R. M. (PMDB). O chargista posiciona o candidato no centro da imagem; ele está no meio da pista e dentro de um buraco. Isso remete a uma de suas promessas de campanha: “-Prometo tirar os buracos de Jacobina”.

Poderíamos inferir que esse enunciado “tirar os buracos”, tanto refere-se literalmente aos buracos que de fato se fazem presente nas ruas de Jacobina, provocando acidentes e mal estar aos pedestres e aos motoristas, quanto diz respeito, no sentido figurado, ao ‘problemas’ que assolam o município e seriam tirados quando o prefeito, assumindo, passasse a investir em educação, economia; a diminuir os índices da pobreza; a cuidar da pavimentação da cidade, restaurando ruas que possivelmente estivessem esburacadas, até porque a imagem nos remete de uma forma explícita a essa questão.

Tirar os buracos e os problemas de Jacobina é urgente e necessário. É o que todo o eleitorado almeja, pois de acordo com uma pesquisa organizada pelo Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013, divulgado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD, com dados tirados do Censo Demográfico no ano de 2010, o município de Jacobina-Ba apresenta um índice baixo na questão da educação; um índice médio nas questões de economia, saúde e longevidade.

No entanto, se levarmos em consideração o momento que é dito o outro enunciado: “Mas tirar a cidade do buraco é outra coisa.”, percebemos que já muda o sentido, pois nos leva a crer que ele não fará muito para melhorar a cidade que continuará do mesmo jeito em termos de saúde, renda, educação e pavimentação das ruas da cidade.

Topograficamente o município de Jacobina-Bahia, também conhecida como cidade do ouro, está situado na região norte da Bahia, no extremo norte da Chapada Diamantina, estando a uma altitude de 463 metros, rodeada por serras, morros, lagos, rios e cachoeiras. Esse saber nos permite produzir outros sentidos para a enunciação: “...tirar a cidade do buraco é outra coisa”, visto que a cidade já tem sua estrutura dentro de um

buraco, nos levando a outra concepção, aspecto que instaura uma polissemia e também o humor.

Diante dessas observações feitas acerca dos enunciados presentificados nessa charge, é possível dizer que para ADLF nada é aleatório. Os discursos editados e publicados nesse *bolgs* e articulam com as outras charges que reiteram os discursos para uma direção de sentidos. O chargista, ao criar modos de subjetivação sobre os candidatos a prefeito nesse município, cuida das técnicas de si, ou seja, sutilmente deixa entrever sua vontade de verdade. Sobre isso pondera Foucault:

O fio condutor que parece ser o mais útil neste caso, é constituído por aquilo que poderia chamar de ‘técnicas de si’, isto é, os procedimentos ou prescritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e isso graças a relações de domínio de si sobre si ou de conhecimento de si por si. (FOUCAULT, 1972, p.109)

O chargista faz uso do humor para formar uma rede discursiva que propõe uma visão negativa da política municipal, pois nos remete ao fato da existência de políticos corruptos. A recorrência às críticas ao mesmo grupo político revela os procedimentos do administrador desse *blog*, que busca por meio de seus discursos persuasivos e bem humorados, fixar uma identidade desses candidatos.

Figura 6



Fonte: www.corinourgente.com
Acessado em: Maio de 2014

Podemos analisar que nesse *corpus* há um grande poder argumentativo pelo uso da materialidade verbal. Nesta Figura 6 podemos notar que a charge remete para outra situação política ocorrida na cidade durante o período de campanhas eleitorais, relacionado à compra de votos dos eleitores de Jacobina-Bahia.

O discurso publicitário está estruturado no plano verbal e imagético, partindo de um enunciado ‘clichê’ bastante veiculado na mídia. Nessa charge temos um outdoor com o seguinte enunciado: “*Voto não tem preço. Tem consequência. Não venda seu voto*” e um personagem que representa o povo afirmando: “*Já vi tudo! Essa campanha aí não pega em Jacobina*”.

Se voltarmos à história do Brasil, mas precisamente a época da República Velha, podemos perceber que essa questão de trocar o voto por algo é uma questão antiga e cultural, pois neste Período Regencial os coronéis controlavam o espaço rural, que era a grande arena de decisões políticas. A figura do coronel era considerada por toda população uma autoridade e durante o período eleitoral, os favores e as ameaças tornavam-se instrumento de poder e de manipulação da Democracia no Brasil.

Apesar da figura do coronel não existir de forma mais explícita, algumas de suas práticas se perpetuaram até os dias de hoje, tornando-se um traço da cultura política do País. A troca de favores e a compra de voto, é uma prática proibida como reza a lei, mesmo assim, ainda ocorre:

Art. 41-A , da Lei 9.504/1997, a conduta é punível com multa de mil a cinquenta mil Ufirs (Unidade Fiscal de Referência) e a cassação do registro ou diploma. Também é uma conduta descrita como um dos crimes eleitorais, capitulado no artigo 299 do código eleitoral.

O chargista vale-se da interdiscursividade e da memória discursiva, nem sempre atributo de todos os brasileiros e brasileiras, para que a partir da produção de sentidos, seja gerado o humor. Para um leitor proficiente e que tenha conhecimento sobre a história da política brasileira, esse articularia o enunciado do slogan com a enunciação da figura humana que age reponsivamente dentro do próprio outdoor. A disposição da imagem do homem no canto nos remete a uma perspectiva que posiciona o outdoor mais ao fundo, quando na verdade é um mesmo suporte com uma ilusão de dois espaços: um aonde se situa o slogane outro com um sujeito manifestando-se diante do texto. Essa figura

humana demonstra um descrédito diante do enunciado da campanha. Segundo Orlandi (2005) compreendemos como memória discursiva:

(...) o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retoma sob a forma do pré - construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. (ORLANDI, 2005, p. 31)

Levando isto em consideração observamos que pelo registro da memória discursiva (Interdiscurso), presente nesse anúncio que na maioria das cidades brasileiras, segunda a própria mídia e também no município de Jacobina – Bahia que o voto ainda é uma moeda de troca entre os eleitores da cidade.

Figura 8



Fonte: www.corinourgente.com

Acessado em: Maio de 2014

Nesse enunciado da Figura 8 atualiza-se a memória discursiva, remetendo-nos ao período da ditadura no qual a imprensa foi proibida de veicular qualquer notícia sem autorização dos gestores. Tal memória ganha corpo nos enunciados verbais: “*Sem imprensa livre, a verdade não aparece*” que operam de modo a construir uma imagem sobre a veiculação de notícias na imprensa. Cabe ressaltar aqui que, nesse caso, o espaço da interdiscursividade na construção do discurso foi tecido a partir das estratégias de reconhecimento do discurso do outro, buscando nesse a legitimidade do seu próprio dizer.

O enunciado dessa charge articula elementos discursivos da memória social acerca da chamada “época da censura” para provocar um deslocamento de sentidos ao construir a imagem de uma pessoa, que no lugar da boca tem um zíper e esse está sendo fechado por alguém, aparecendo entre aberto na imagem, nos sugerindo que tem alguém censurando as notícias veiculadas.

Neste ponto, a mídia, vale-se dessa estratégia linguística e imagética para desconstruir a imagem de que a imprensa é livre. Consideramos que o *ethos* pode ser percebido pelo co-enunciador comum, que até o presente valoriza a liberdade da imprensa trazendo à tona a voz do enunciador.

Com isto podemos observar que apesar de estarmos no século XXI, a imprensa ainda luta a cada dia pelo direito de expressar verdades sobre os bastidores da política brasileira. No entanto, algumas vezes, a mídia é proibida de escrever com mais fidelidade os acontecimentos.

Para aqueles sujeitos que já viveram nessa temporalidade isso não será novidade, o mesmo não podemos dizer daqueles que ainda não foram afetados por esse discurso materializado a partir desta charge. Segundo Gregolin (2004): [...] há múltiplas temporalidades no interior das quais irrompem os acontecimento (GREGOLIN, 2004a, p. 25) e fazem surgir novos outros discursos, logo, acontecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que nesses tempos de novas tecnologias de comunicação e informação nos quais os dispositivos de interação que rompem as fronteiras do tempo e da distância encontram-se na palma das mãos das pessoas, não podemos ignorar os suportes eletrônicos que acessados, publicizam os mais variados discursos tanto do sujeito que enuncia, quanto aquele que recebe e interage com esses.

Falamos dos smartphones que agilizam a comunicação via redes sociais e promovem intercâmbios antes nunca imaginados. Além dos famosos *Whatsapp* e *Instagram*, o *blog* constitui-se como uma ferramenta interessante tanto de consulta, quanto de publicação que faz emergir diferentes gêneros discursivos que materializam diferentes conteúdos.

Nesse sentido, no percurso de nossa investigação observamos a partir do estudo do discurso materializado nas charges veiculadas no *bolg* Corino Urgente, com base nos estudos da Análise do Discurso de Linha Francesa, quão grande é o poder de sofisticação presente nesse gênero discursivo. Isso porque falar de discurso é adentrar no universo dos acontecimentos que compõem a história geral, aqui concebida na perspectiva de Foucault (1972).

Tal ressalva se faz necessária, porque para esse estudioso, embora estejamos em um mesmo tempo cronológico, as temporalidades não são as mesmas para todos os sujeitos. Disso decorre os diferentes efeitos de sentidos que os gêneros discursivos que circulam socialmente podem provocar nos leitores.

Um leitor proficiente em determinado acontecimento (discurso) fará uma leitura mais crítica e tenderá a agir responsivamente diante da interpelação, de uma forma diferenciada daquele leitor mais acrítico e menos informado, que pode ser, facilmente, manipulado diante da persuasão desses discursos multimodais. Esses discursos tendem a ser mais envolventes, pois conjugam cores, imagens, sonoridades e verbo, sempre constituídos pelo viés sinestésico que aguçam a emoção dos leitores.

Além disso, não somos sujeitos adâmicos, ou seja, não estamos inaugurando palavras e ideias ao constituirmos os nossos discursos. Eles, os discursos, entram em uma corrente

interdiscursiva em que o já-dito e o não-dito atravessam os enunciados. Esses podem ser retomados para manter os mesmos efeitos de sentidos ou para rompê-los.

Percebemos, então, que a memória discursiva constituiu-se como um aspecto fundamental da formação humana, pois todos os discursos trazem consigo outros tantos já ditos, que formam essa rede interdiscursiva e somente uma evocação a esse patrimônio cultural individual, a memória discursiva, permite-nos perceber.

A partir da metodologia inerente à ADLF que se desdobra no movimento de descrição- interpretação foi-nos possível selecionar e analisar as charges e experimentar uma escuta sensível sobre os dizeres, publicizados no *blog* Corino Urgente acerca da campanha política no período eleitoral de 2012, no município de Jacobina-Bahia.

Nosso objetivo nessa investigação fora compreender a partir da materialidade linguístico-discursiva e imagética de que maneira o discurso humorístico era constituído nessas charges. Organizamos um série enunciativa constituída de oito charges alusiva á nossa temática e com base nos princípios da obra *A Arqueologia do Saber* (FOUCAULT,1972) fizemos uma análise valendo-nos do método de descrição- interpretação.

Esta investigação comprovou que a charge além de provocar humor e satirizar acontecimentos políticos, reafirma através dos enunciados tomados enquanto discurso humorístico, como o chargista revela o *ethos* discursivo, sinalizando para os leitores seu discurso persuasivo, unilateral e a sua vontade de verdade.

Isso nos leva a crer que o chargista assume sua opção política, não sendo imparcial em suas postagens. Disso decorre a necessidade da escola contribuir com a formação de leitores críticos e proficientes, capazes de exercerem responsabilidades diante dos discursos multimodais que os interpelam no cotidiano, especificamente, no período eleitoral.

A partir da realização da análise dessa série enunciativa constituída por oito charges, podemos inferir que a mídia tem um papel preponderante na formação dos leitores e eleitores. O voto ainda é uma ferramenta imprescindível para que uma outra história

possa ser construída e, sem dúvida, esse ato constitui-se com uma fazer, um cuidar de si que conjuga saber-poder.

Portanto, cabe à escola trazer para essas reflexões para dentro desse espaço no sentido de contribuir para a formação cultural, política e ética das crianças, adolescentes e jovens que passam boa parte de sua vida nesse ambiente. Os textos multimodais com os seus diferentes conteúdos e discursos estão inseridos na vida social das pessoas de variadas faixas etárias e, isso, a escola não pode mais ignorar.

Com este trabalho, observamos a partir do estudo do discurso o poder de persuasão os sentidos produzidos nos enunciados e nas imagens presentes nas charges sobre as representações da política, dando ênfase aos candidatos a prefeitura de Jacobina-Ba, através dos estudos teóricos baseados no método arqueológico de análise de Michael Foucault e das análises das formações discursivas efetuadas no último capítulo, foi possível perceber de que modo é constituído o humor contido nas charges, que por vezes mascaram e satirizam uma intenção, construindo a partir do jogo com as palavras efeitos de sentidos que podem persuadir eleitores que podem concordar de forma passiva com o discurso veiculado nas charges.

A partir dessas análises, notamos que as charges abordam diferentes discursos, vozes e posições sociais em torno da campanha política 2012 em Jacobina-Ba, sendo o chargista locutor, através do interdiscurso e das formações discursivas construindo nos sujeitos efeitos de sentidos ao já dito.

Através das charges aqui estudadas percebemos que a articulação entre o verbal, o imagético constituem-se como base para que, ao se efetuar uma análise, seja possível compreender a organização e as características das sociedades e dos indivíduos, seja retomando, confirmando ou rompendo com os discursos já ditos (memória). Dessa forma, é preciso conhecer os artifícios utilizados e os objetivos do chargista posto no *blog* (mídia local), para a compreensão adequada da enorme persuasão existente nas charges, inseridas nos contextos da sociedade contemporânea, as quais focam principalmente nos enunciados para persuadir eleitores na hora da escolha de seu candidato.

É importante ressaltar, como nos mostra os estudos foucaultianos que as temporalidades não são homogêneas, ou seja, nem todos os indivíduos, são atingidos por essa persuasão do discurso produzidos pelas charges que veiculadas pelo *blog*, uma vez que pessoas inseridas num mesmo contexto podem vivenciar discursos e culturas diferentes. Nem todo o mundo tem acesso à internet, desta forma, a persuasão do discurso midiático não atinge a todos e muitas vezes mesmos os que desfrutam dessa tecnologia não se deixam persuadir por estes discursos publicitários, seja por sua criticidade ao ler o que está posto por trás do humor, ou apenas por não conseguir analisar como esse humor satiriza o candidato.

Após estabelecermos uma relação lógica entre a teoria e a prática que norteou esta pesquisa sobre o poder dos discursos humorísticos presentes nas charges e sua influência sobre os leitores e simpatizantes do blog, resta-nos agora mostrar que, realmente, só será possível uma transformação quando estes sujeitos forem posicionados acima e não em mesmo nível a partir de uma criticidade. Desta forma, os indivíduos precisam estar atentos aos discursos produzidos e reproduzidos através do imagético verbais pelas mídias. Assim acreditamos que a análise do discurso tem uma relevância social e científica porque contribui para a formação de leitores mais críticos no ensino médio e fundamental.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Os gêneros de discurso in estética da criação verbal**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes (2003).
- BAKHTIN, M. ;VOLOCHINOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BLOG CORINO URGENTE. Disponível em: <<http://corinourgente.blogspot.com.br/>> Acesso em 08 de junho de 2014.
- _____. Disponível em:<<http://www.corinourgente.com/>> Acesso em 08 de junho de 2014.
- COURTINE, J.J. Os deslizamentos do espetáculo político. In: GREGOLIN, Maria do Rosário (org.). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003;
- DIONÍSIO, Ângela Paiva, VASCONCELOS, Leila Janot de. **Multimodalidade, gênero e leitura**. In: BUNZEM, Clecio, MENDONÇA, Márcia (orgs.). **Múltiplas linguagens para o ensino médio**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 19 – 42
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Petrópolis-RJ: Vozes. 1972.
- _____. **A ordem do discurso**. 19 ed., São Paulo: Edições Loyola. 2009
- _____. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2004.
- FLÔRES, Onici. **A leitura da charge**. Canoas: Ulbra, 2002.
- GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Recitações de mitos: a História na lente da mídia In: GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise (org.). **Filigranas do discurso: as vozes da história**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2000.
- _____. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo. In: GREGOLIN, Maria do Rosário (org.). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo** São Carlos: Claraluz, 2003b.
- HEINE, Palmira. **Tramas e temas em análise de discurso**. 1ed, Curitiba: CRV, 2012.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia- estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno/ Douglas Kellner; tradução de Ivone Castilho Benedetti**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication**. London: Arnold, 2006. Disponível em: http://bdtd.biblioteca.ufpb.br/tde_arquivos/14/TDE-2010-10-05T162447Z-676/Publico/parte1.pdf. Acesso em 20 nov 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais, Mídia e Ensino de Língua**. Recife, UFPE (mimeo), 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Analisando Discursos Constituintes**. Revista do GELNE, vol.2, nº2. Ano 2000.

_____. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth. (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008e.

NAVARRO, Pedro, **Estudos do texto e do discurso**: mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Ed. Claraluz, 2006.

NOGUEIRA, Andréa de Araújo. A charge: função social e paradigma cultural. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 26. 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte/MG, set. 2003.

ORLANDI, EniPuccineli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: Estrutura ou Acontecimento. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

TASSO, Ismara (org.). **Estudos do Texto e do Discurso**: Interfaces entre língua(gens), identidade e memória. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

SILVA, Marcela Regina Vasconcelosda. **O papel da multimodalidade na leitura de textos da revista veja**.

Disponível em: http://sistemas.ufpb.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=pt_BR&id=1901, acesso 29/08/2014 .